

Taiana Aparecida Duarte Grein<sup>1</sup>  
Vagner Ferreira do Nascimento<sup>1</sup>  
Angélica Pereira Borges<sup>1</sup>  
Érica Baggio<sup>1</sup>  
Michele de Melo Mariano<sup>1</sup>  
Rafael Fernandes Demarchi<sup>1</sup>  
Raimundo Nonato Cunha de França<sup>1</sup>  
Alisséia Guimarães Lemes<sup>1</sup>  
Valéria Ferreira do Nascimento<sup>2</sup>  
Rulio Glécias Marçal da Silva<sup>3</sup>

**Domestic violence against women: production of meanings by TV newscasts in Mato Grosso, Brazil**

## **| Violência doméstica contra mulheres: produção de sentidos pela mídia televisiva no sudoeste de Mato Grosso, Brasil**

**ABSTRACT | Introduction:** *Domestic violence against women is a social problem of great magnitude and global ramifications. Objective: To investigate how domestic violence against women on television newscasts is portrayed in southwest Mato Grosso newscasts. Methods: This is a documentary study, using an exploratory and qualitative approach. Data was daily recorded from lunch time TV newscasts, and discourse analysis was used to assess the content. Results: Our findings show that TV newscasters underreport domestic violence against women and do not emphasize strategies for reducing it in this region. A pervasive carelessness in handling of information concerning victims was also perceived, as these cases were treated as mere routine, which contributes to naturalizing domestic violence against women. Conclusion: Our findings show that the way violence against women is portrayed in the TV newscasts in the southwestern region of Mato Grosso reinforces negative stereotypes through the attitudes and meaning making internalized in the discourse of TV newscasters.*

**Keywords |** *Women's Health; TV Newscast; Domestic violence.*

**RESUMO | Introdução:** a violência doméstica contra a mulher é um problema social, de transcendência mundial e grande magnitude. **Objetivo:** investigar como é retratado o fenômeno da violência doméstica contra mulheres reproduzida por mídia televisiva no sudoeste de Mato Grosso. **Métodos:** trata-se de estudo documental, exploratório e com abordagem qualitativa, em que se realizou a coleta de dados num telejornal do “horário do almoço”, por meio de gravação diária. Para a análise dos dados, utilizou-se a análise de discurso. **Resultados:** o estudo revelou que o telejornal escolhido não demonstra grande importância e estratégias para redução dos casos de violência doméstica ocorridos nessa região. Observou-se um descaso no tratamento das informações referentes às vítimas, levando-se ao entendimento que esses casos, por serem rotineiros, acabam sendo naturalizados por alguns segmentos da sociedade. **Conclusão:** O presente trabalho permitiu realizar uma análise prévia da mídia televisiva na região do sudoeste de Mato Grosso, referente à violência doméstica contra as mulheres. Os achados sinalizaram o comportamento jornalístico diante do tema e os significados construídos e internacionalizados nos discursos.

**Palavras-chave |** Saúde da mulher; Mídia audiovisual; Violência doméstica.

<sup>1</sup>Universidade do Estado de Mato Grosso, Tangará da Serra/MT, Brasil

<sup>2</sup>Governo do Estado de Mato Grosso do Sul, Campo Grande/MS, Brasil.

<sup>3</sup>Faculdade Sequencial, São Paulo/SP, Brasil.

## INTRODUÇÃO |

O fenômeno da violência representa um problema histórico, social e de saúde, de grande magnitude e transcendência mundial<sup>1</sup>. A violência contra a mulher atinge diferentes classes sociais, faixa etária, escolaridade, religião e se expressa de várias formas, com destaque para aquela que ocorre entre parceiros íntimos, denominada violência doméstica<sup>2</sup>. Essa é considerada como qualquer conduta que seja usada para infligir danos, que causem sofrimentos físicos, sexuais, mentais e/ou econômicos, por meio de ameaças, enganos, coação, ou outros meios, direcionado a pessoas que habitem ou não no mesmo agregado doméstico privado que o agente da violência, seja cônjuge, seja companheiro marital, seja ex-cônjuge, seja ex-companheiro marital<sup>3</sup>.

Estudos demonstram que mulheres que vivem em situação de violência sofrem com as repercussões desse fenômeno, que se materializam em problemas de saúde complexos, que compreendem desde as lesões físicas como arranhões, cortes e fraturas, até as psicoemocionais, como a depressão e o suicídio<sup>6</sup>. Os reflexos da violência também são percebidos pelos custos econômicos com assistência médica, sistema judiciário e penal, além dos custos sociais decorrentes da queda de produtividade<sup>4,5</sup>.

Geralmente as vítimas de violência doméstica e/ou sexual são mais queixosas e apresentam distúrbios, patologias físicas e mentais como um reflexo da situação vivenciada<sup>6</sup>. Nesse sentido, é importante que os profissionais de saúde reconheçam a violência doméstica como causa associada à busca da mulher pelo serviço de saúde e ao atendimento desse agravo, na intenção de articular ações e saberes para promover um cuidado integral<sup>7</sup>.

Nesse contexto de violência, é importante destacar os avanços das tecnologias de comunicação que ampliaram a veiculação de informações à sociedade<sup>8</sup>. A mídia televisiva brasileira retrata os casos de violência principalmente por meio de telejornais, noticiários e obras de ficção, como novelas, séries e filmes. Isso evidencia as diferentes formas de apresentação e divulgação desse fenômeno<sup>9</sup>.

Essa divulgação de informações nos permite refletir sobre o papel dos meios de comunicação, especialmente durante a condução de informações sobre a violência contra a mulher. O discurso da mídia diante dessa violência deixa à mostra incongruências quando desinstala a fonte de sua

competência como tal e, unicamente a submete ao jargão, ao clichê, ao estereótipo. Ouve-se um discurso oficial enquanto o das vítimas, muitas vezes, é sonogado. Seria nada menos que a seleção dos aspectos salientes de um acontecimento, ação ou personagem, que se obtém anulando os aspectos previstos e tudo o que não pareça ser suficientemente importante, novo e dramático. Configurando-se, então, num processo de fomento à violência ou ao estabelecimento de ideologias de segregação<sup>10</sup>.

Diante disso, pretendeu-se investigar como é retratado o fenômeno da violência doméstica contra mulheres reproduzida por mídia televisiva no sudoeste de Mato Grosso.

## MÉTODOS |

Foi desenvolvido um estudo documental, exploratório e com abordagem qualitativa referente à violência doméstica contra a mulher, a partir de fontes primárias. A pesquisa buscou matérias na mídia televisiva de grande impacto para a microrregião de Tangará da Serra, pertencente à mesorregião Sudoeste Mato-grossense, durante o período de setembro de 2014 a fevereiro de 2015. A população desta região foi estimada em 2010 pelo IBGE<sup>11</sup> em 159.087 habitantes e está dividida em cinco municípios: Barra do Bugres, Denise, Nova Olímpia, Porto Estrela e Tangará da Serra, que juntos têm uma área total de 23.728,712 km<sup>2</sup>. A delimitação dessa região para a realização do estudo justifica-se pela identificação do movimento conhecido como interiorização da violência, um processo que evidencia o deslocamento da violência letal dos municípios de grande porte para os de médio porte<sup>12</sup>.

Para a coleta dos dados foram selecionados telejornais de emissoras com programação aberta, que se apresentassem acima de 24 meses na localidade, com programação de até 60 minutos de duração, com transmissão no horário do almoço. Excluíram-se aqueles com abrangência inferior a cinco municípios da região selecionada. Dessa forma, selecionou-se um telejornal da filial de uma grande emissora nacional, que teve seus episódios gravados diariamente para posterior análise.

Para análise dos dados dos telejornais, foi utilizada a Análise do Discurso (AD). O processo de análise discursiva tem a pretensão de interrogar os sentidos estabelecidos em suas

diversas formas de produção, que podem ser verbais e não verbais, bastando que sua materialidade produza sentidos para interpretação; podem ser entrecruzadas com séries textuais (orais ou escritas) ou imagens (fotografias) ou linguagem corporal (dança)<sup>13</sup>.

O discurso não é somente desenvolvido em função do seu locutor, mas também em função do tempo e da maneira com que se desenvolve, sendo apresentado com uma finalidade específica e dirigido a um público específico. No decorrer do desenvolvimento do discurso, ele pode seguir um caminho diferente do seu inicial e não transmitir sua real ideia ou objetivo<sup>14,15</sup>.

Iniciou-se a análise dos dados com a visualização de todos os episódios do telejornal selecionado, realizando a seleção somente daqueles que possuíam reportagens com cenas e/ou cenários referentes à violência contra a mulher cometida no âmbito domiciliar. Após esta etapa, houve a transcrição das reportagens. Buscando preservar o anonimato dos participantes, as falas dos sujeitos envolvidos nas reportagens foram identificadas por siglas e ordem numérica, como exemplo: Jornalistas (J), Repórter (R), Testemunha (T), Policial (P) e representante do Conselho Tutelar (CT). Após essa fase procedeu-se uma leitura minuciosa e o estabelecimento dos sentidos produzidos.

Para realização deste estudo foram tomados todos os cuidados em relação aos procedimentos éticos e legais sob orientação da Lei Federal 9610/98 e da Resolução 466/12. Respeitando e garantindo o sigilo e anonimato das imagens utilizadas para pesquisa, livrando-os de quaisquer danos.

## RESULTADOS/DISCUSSÃO |

Inicialmente, trabalhou-se com a categorização dos sujeitos. O sujeito para AD não pode ser visto como aquele que decide sobre os sentidos e as possibilidades do próprio discurso, mas sim como aquele que ocupa um lugar social e a partir dele enuncia<sup>13</sup>. Com isso os interlocutores da reportagem ocupam um lugar social e dele enunciam influenciados por uma ideologia materializada em seu discurso.

Por meio de análise minuciosa de todo o material coletado, identificou-se um único caso caracterizado como violência doméstica contra a mulher, que foi cometido por parceiro

íntimo, em que, no mínimo, dois tipos de violências praticadas foram observadas. Para descrição dos envolvidos utilizou-se somente iniciais escolhidas aleatoriamente, garantindo o sigilo e anonimato.

Os protagonistas da história foram três sujeitos, um homem de 39 anos, sua ex-mulher, de 24 anos, e o filho dela, de 3 anos. O Sr. L. J., residente no maior município da região sudoeste de Mato Grosso, é tratado no decorrer da reportagem com os termos homicida, suicida, violento e ainda, em determinado momento, reportado como vítima.

Há de se considerar que a estratégia jornalística diante de fatos dessa natureza baseia-se em alarmar e chocar, que desencadeiam na população sentimentos de revolta, justiça, cidadania e humanidade<sup>10</sup>.

Já, a Sra. M. C., foi apresentada como sendo a vítima da violência doméstica. Ela é oriunda do Estado do Maranhão, sem familiares na região e encontrava-se separada do autor da violência. Durante o ato violento, seu filho, uma criança de 3 anos, por sua vez, observou tudo, sendo tratado pela jornalista, repórteres e testemunhas do ocorrido como a maior vítima da violência.

Há sinalização para a restrição do verdadeiro sentido da violência pela sociedade, por exemplo, se a criança não estivesse no ambiente do ocorrido talvez não houvesse repercussão significativa e tampouco o crime tivesse sido noticiado. Alguns discursos demonstram essa identidade social:

*O pior de tudo é que o filho dela, de apenas 3 anos, presenciou (J1).*

*Fiquei mais abalada com a criançinha, né, três aninhos, puro sangue. Presenciou tudo... é lamentável (T1).*

A maioria dos casos de violência doméstica acomete mulheres que vivem relacionamentos heteroafetivos, o que significa dizer que a mulher é vítima do seu próprio parceiro amoroso<sup>16</sup>. A violência que ocorre no lar está profundamente fixada na vida social, sendo percebida como evento trivial. O despreparo para trabalhar com a violência contra a mulher, o juízo de valor e a aceção de que a situação de violência se resume à questão privada são alguns dos fatores que fazem com que os profissionais de saúde não se interessem pelo problema, tornando-o cada vez mais invisível aos olhos da sociedade<sup>17</sup>.

Em relação ao local do crime, é descrito brevemente, sem muitos detalhes. O sensacionalismo é utilizado para destacar a forma violenta utilizada pelo agressor, como demonstrado nas mensagens:

*Na área da casa onde L. J., de 39 anos, tentou matar a ex-mulher [...], ficaram as marcas de sangue na parede e chumaços de cabelo dela no chão (R1).*

Relatos como esse demonstram a insegurança vivenciada no mundo moderno, que está cada vez mais ligada à ascensão da violência, promovendo o fortalecimento de um imaginário do medo. As questões de insegurança, violência e medo, vêm adquirindo realce nas discussões e produções atuais em virtude das consequências que originam e da aparente falta de controle de que se revelam<sup>18</sup>. Informações assim levam o público a estabelecer um mundo fantasioso sobre o ocorrido e estabelecer emoções negativas diante da crueldade e comportamento desumano do agressor.

Elementos como a proximidade, a subjetividade e o emocional não são apenas estratégias de divulgação da notícia, mas para o aporte psicanalítico, respondem a necessidades do leitor<sup>10</sup>.

Observou-se, que grande parte dos dados reportados pelas testemunhas durante a reportagem demonstram inconsistências, como é possível observar durante relatos, ao referir-se ao ato violento:

*L. J. entrou na casa e fechou a porta [...] (T2).*

Acredita-se que seria possível ouvir os pedidos de socorro da vítima caso houvesse, mas sem a possibilidade de afirmar o que aconteceu de fato dentro da casa. A testemunha ainda completa dizendo:

*E deu vários golpes com facão na ex-mulher, depois abriu a porta (T2).*

O agressor, após desferir os golpes contra a ex-mulher, feriu-se com o mesmo facão. Vê-se aqui, que o objetivo do ex-cônjuge era destruir ambas as vidas, sem preocupar-se com seu futuro e consequências dessa ação.

Esses fatos teriam maior veracidade caso a criança, única testemunha que compartilhou a cena do crime, pudesse resgatar suas memórias e apresentá-las. Porém, mesmo

sendo indagada, ela não soube explicar e tampouco entender o que aconteceu naquela circunstância.

Com esse ocorrido, pode-se abrir prerrogativa em relação à eventualidade dessa mulher e dessa criança já terem sofrido atos violentos em outros momentos dessa relação familiar, anteriores ao noticiado.

Normalmente, a violência contra a mulher ocorre em ciclos sucessivos, no primeiro momento, ocorre a fase de descontentamento do parceiro, que é marcada por algum conflito e se constitui de ameaças de diversas maneiras. Em um segundo momento, o parceiro não obtendo as respostas desejadas por meio das ameaças, parte para a agressão física contra a mulher, que se inicia com pequenos empurrões, e evolui para socos, chutes, utilizando-se de pedaços de pau, ferro, entre outros. Nesse momento, algumas mulheres pedem ajuda e abrigo na casa de uma amiga, da mãe ou de algum conhecido<sup>19</sup>.

A partir disso, tem início a fase da reconciliação, em que o homem pede perdão à mulher, é carinhoso, gentil, prestativo, faz parecer que se arrepende dos atos e promete que esses não vão se repetir. Então, a mulher o perdoa e volta para a casa, com a esperança de que tudo aquilo foi só um erro que seu parceiro cometeu. Mas, após alguns dias, todo o ciclo tende a se repetir<sup>19</sup>.

Antigamente, o matrimônio era considerado um comércio. Na Suméria, da Mesopotâmia, no ano de 2000 a.C., a esposa não tinha direito de escolha ao casar-se, se odiasse o marido e ousasse falar que ele não era seu esposo, era castigada, sendo lançada no rio com pés e mãos amarrados, ou jogada do alto de uma torre. Nesse momento da história, o matrimônio não tinha os valores atuais, e a mulher era considerada apenas uma mercadoria<sup>19,20</sup>.

A partir do entendimento de que a mulher era propriedade do seu marido, o adultério até o início do século 19 era inaceitável. Os casos de infidelidade eram regulados pelas ordens Filipinas, onde o marido traído tinha o direito de matar a sua esposa e o rival (amante), desde que este não fosse de maior poder financeiro, nesses casos era necessária a intervenção da justiça<sup>20</sup>.

Vemos que as décadas se passaram, a sociedade modificou-se, mas alguns valores tradicionais ainda permanecem vivos e ativos na cultura de algumas sociedades, como a desigualdade de gênero<sup>18</sup>.

Segundo a vizinha, o motivo do crime foi o término da relação e, por conseguinte, a troca de pares. A diferença entre os sexos, que continua presente na sociedade em pleno século XXI, leva à ocorrência da violência<sup>15</sup>. Nessa ocasião, o homem, por ver sua mulher como seu pertence, não aceita, tampouco compreende, sua substituição. Seu instinto e desejo em corrigir esse suposto dano social e brio abatidos, possivelmente pressionado pelo seu conceito de virilidade e masculinidade, leva-o a tentar pôr fim a vida da ex-mulher. E, vendo as consequências do seu ato, tenta suicídio na tentativa de livrar-se das responsabilidades jurídicas e bioéticas.

Uma testemunha relata que M. C. foi à residência com a finalidade de pegar seus pertences, como observado:

*Querida pegar as coisas dela, e aí, não aceitando, fez isso com ela (T2).*

A partir desse depoimento, ainda pode-se identificar indícios de outras formas de violência que podem ter antecedido a violência física, por exemplo, a violência patrimonial. Essa violência é entendida como qualquer conduta que configure retenção, subtração, destruição parcial ou total de seus objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos, incluindo os destinados a satisfazer suas necessidades<sup>20</sup>.

A palavra vítima, que foi constantemente utilizada na reportagem, se refere a toda pessoa que, individualmente ou coletivamente, tenha sofrido danos, físicos, mentais, emocionais, financeiros ou diminuição substancial de seus direitos fundamentais, como consequências de ações ou omissões que violem a legislação penal vigente. Existe também o significado de vitimização, que se origina da palavra vítima e significa ação ou efeito de alguém que venha a ser vítima de sua própria conduta ou da conduta de terceiro, ou fato da natureza<sup>21</sup>.

Esses termos são utilizados em determinado momento da reportagem, em que deixaram de se referir a L. J. como agressor, passando a chamá-lo de vítima, quando poderiam utilizar “vitimização”. Com isso, o entendimento do telespectador volta-se para a culpabilização da mulher sobre o ocorrido, dividindo a responsabilidade pela agressão.

Um fato importante relatado é referente à chegada das autoridades policiais ao local do crime depois do Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (SAMU), trazendo a

percepção de demora do atendimento, já que esse serviço só realiza seu atendimento após o registro policial *in loco*, este fato pode ter agravado a saúde das vítimas. No entanto, durante o atendimento, os policiais se preocuparam unicamente em coletar as informações, sem definir a tipologia da violência, mesmo sendo notória a violência doméstica.

*Após uma investigação minuciosa é que se vai decidir realmente em que se vai enquadrá-lo, mas a priori é tentativa de homicídio (P1).*

Conforme a Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006, configura violência doméstica e familiar contra a mulher qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial<sup>22</sup>. Após esse momento que retrata o quadro policial, relatam o estado da mulher e do agressor:

*O estado de saúde dela é estável (J1).*

*A situação dele é mais grave, ele foi transferido hoje pela manhã para uma UTI e ainda corre risco de morte (J1).*

Além dos discursos anteriores, não houve informações adicionais oferecidas ao público. Em outro momento da reportagem, que trata da violência contra a criança, os próprios repórteres e as testemunhas relatam que foi o pior trauma de todo o ocorrido, redirecionando o olhar para a criança e classificando-a como principal vítima.

Nesse momento, uma representante do conselho tutelar faz abordagem sobre a guarda dessa criança, já que o único familiar no município é a mãe que sofreu a violência física e encontra-se hospitalizada. Durante essa entrevista, a representante do conselho tutelar é indagada: “E como é que ficou também o estado dessa criança, também estava em desespero, qual era a condição dessa criança no local?”, respondendo:

*Não, ela não conseguia entender, o que parecia é que ela não sabia exatamente a gravidade do caso porque ela estava calma, tranquila, contava como se fosse uma história qualquer, estava até cantando, alegre, normal (CT1).*

Após fornecidas as informações sobre o local de acolhimento dessa criança, a jornalista ressalta mais uma vez que a criança é a principal vítima desse ocorrido, reforçando a necessidade de apoio psicossocial.

*E o psicológico dessa criança como será que fica a partir de agora, depois de ter presenciado toda esta briga (J1).*

Cada indivíduo poderá assumir reações diferentes, mesmo experimentando formas idênticas de violência. Essa criança, por ter vivenciado momentos de violência, pode no futuro apresentar comportamentos diferentes com relação àqueles esperados por jovens da mesma faixa etária, desde uma retração no relacionamento interpessoal como potencialização de ânimos instintivos e nocivos para a sociedade<sup>23, 24</sup>.

Atualmente, existem inúmeros direitos àqueles que cometem crimes, que a sociedade, na busca pela punição do culpado, desiste, em detrimento do embate dos direitos humanos e das leis pouco efetivas e em desacordo com o ideal vivido pelos cidadãos brasileiros<sup>25</sup>.

Como uma única reportagem referente à violência doméstica foi reportada pelo telejornal em questão, levou-nos a levantar dados em fontes primárias referentes a casos de violência doméstica, para compreender a magnitude do problema. A delegacia dessa região em estudo informa que os casos instaurados referentes à violência doméstica chegaram a 315, apenas em 2014, sem considerar aqueles subnotificados, que normalmente não têm registros oficiais.

Quando pensamos no jornalismo e na transmissão de informações, devemos nos indagar sobre a verdade expressa por eles, levando-nos a pensar em como os seus discursos refletem e impactam a nossa vida cotidiana. Ao longo das últimas décadas, o jornalismo conquistou forças para descrever e interpretar discursos da realidade e transmitir informações para a população<sup>26</sup>.

Franciscato<sup>27</sup>, ao caracterizar o jornalismo, destaca três princípios que dão significância às suas práticas, sendo elas:

*(I) adoção como pressuposto da existência de uma ideia de verdade do real que pode ser apreendida nos seus aspectos principais por meio de técnicas jornalísticas e transformada em relato; (II) compromisso normativo de cumprir esta tarefa de fidelidade ao real; (III) produção de conteúdo que ofereçam a uma coletividade modos específicos de vivenciar situações num tempo presente<sup>31</sup>.*

Porém, para que as notícias sejam transmitidas aos telespectadores, devemos pensar nos critérios de noticiabilidade, que é todo e qualquer fator potencialmente capaz de agir no processo de produção das notícias, compreendendo: as características dos fatos, julgamentos pessoais dos jornalistas, cultura da categoria, condições que favoreçam a notícia ou ainda que limitem a empresa em questão, qualidade das imagens e/ou textos, relação com as fontes e com o público, questões éticas, a história em si, fatores relacionados com a sociedade, economia e políticas, entre outros. Esses fatores levaram os profissionais dessa área a elaborarem critérios de noticiabilidade<sup>29</sup>, sendo eles:

*[...] na origem dos fatos (seleção primária dos fatos / valores-notícia), considerando atributos próprios ou características típicas, que são reconhecidos por diferentes profissionais e veículos da imprensa; (II) no tratamento dos fatos, centrando-se na seleção hierárquica dos fatos e levando-se em conta, para além dos valores-notícia dos fatos escolhidos, fatores inseridos dentro da organização, como formato do produto, qualidade do material jornalístico apurado (texto e imagem), prazo de fechamento, infraestrutura, tecnologia, etc., como também fatores extraorganizacionais direta e intrinsecamente vinculados ao exercício da atividade jornalística, como relações do repórter com fontes e públicos; (III) na visão dos fatos, a partir de fundamentos éticos, filosóficos e epistemológicos do jornalismo, compreendendo conceitos de verdade, objetividade, interesse público, imparcialidade que orientam inclusive as ações e intenções das instâncias ou eixos anteriores<sup>28</sup>.*

Esses critérios não funcionam de modo isolado. Na produção das notícias, todos esses critérios atuam em conjunto permitindo a seleção e elaboração das informações que serão transmitidas à população<sup>28</sup>.

Pensando nesses critérios de seleção para compor as reportagens, podemos nos questionar sobre o baixo índice de informações referentes à violência doméstica veiculadas nos telejornais locais, visto que se configura como um fenômeno crescente, apesar de haver subnotificações de casos, seja por vergonha, seja por medo de denunciar, devido aos tabus e às barreiras sociais expostos às mulheres<sup>29, 30</sup>.

Dada as circunstâncias da violência cometida contra a mulher noticiada pelo telejornal local, o atendimento realizado foi o hospitalar. As repercussões da violência contra a mulher influenciam o processo saúde-doença, e as instituições de saúde caracterizam-se como locais privilegiados para identificação desses problemas<sup>31</sup>. Nesse

contexto, a Estratégia Saúde da Família (ESF), considerando a violência como uma questão de saúde, desempenha um papel importante dentro da rede de apoio à mulher em situação de violência, uma vez que se configura como porta de entrada para esses casos e assume um espaço de acolhimento e de elaboração de projetos de apoio às mulheres vítimas de violência<sup>32</sup>.

No cenário do Sistema Único de Saúde (SUS), ainda é possível verificar falhas no atendimento das vítimas de violência, principalmente nas estratégias de saúde da família (ESF), que assistem essa demanda. As equipes de ESF mostram-se tímidas e com poucas ou insuficientes estratégias para identificação e prevenção da violência doméstica no seu contexto, mesmo sendo um dos principais receptores dos casos de violência<sup>17</sup>.

Devido à magnitude do problema, a violência não deve ser tratada como algo corriqueiro, esta banalização é o que muitas vezes leva os profissionais a desconsiderarem a importância do fenômeno. Por vezes, na tentativa de conferir cuidado e ajuda às vítimas, eles se sentem frustrados devido aos limites de sua prática assistencial, que se esbarra em questões que não conseguem resolver e acabam por revitimizar a mulher, comprometendo a qualidade da assistência<sup>17</sup>.

## CONCLUSÃO |

A midialização da violência doméstica contra mulheres, reportada pela mídia televisiva, permite compreender o comportamento jornalístico diante do tema por meio de ação e interação com os fatos, na região do Médio Norte de Mato Grosso, revelando que, em um determinado período de tempo, a mídia local pouco relatou sobre a ocorrência desses fatos, demonstrando certo desinteresse em relação ao tema ou pouca visibilidade, o que pode a ter distanciado das fontes.

Embora os entrevistados pelo programa jornalístico demonstrem entender o fato como um ato violento proferido a uma mulher, o contexto da reportagem não caracteriza a situação como violência doméstica e, portanto, não instiga uma discussão sobre a violência praticada contra o gênero feminino, proporcionando um reducionismo desse fenômeno.

A continuidade de estudos dessa área é necessária para emergir fragilidades existentes em algumas mídias, que escondem a realidade, justificando-se no seu perfil jornalístico e no seu público-alvo. Essas escolhas jornalísticas, baseadas na liberdade de expressão, podem deixar outros interesses sobressair sobre o papel original da mídia, que é informar a população sobre os fatos e educá-la.

## REFERÊNCIAS |

1. Brasil. Ministério da Saúde. Impacto da violência na saúde dos brasileiros. Brasília: Ministério da Saúde; 2005.
2. Brasil. Secretaria Nacional de Enfrentamento à Violência contra as Mulheres. Secretaria de Políticas para as Mulheres. Pacto Nacional pelo enfrentamento à violência contra mulheres. Brasília; 2011.
3. Costa JMB. Sexo, nexa e crime: teoria e investigação da delinquência sexual. Lisboa: Colibri; 2003. p.1-100.
4. Lucena KDT, Silva ATMC, Moraes RM, Silva CC, Bezerra IMP. Análise espacial da violência doméstica contra a mulher entre os anos de 2002 e 2005 em João Pessoa, Paraíba, Brasil. Cad Saúde Pública. 2012; 28(6):1111-21.
5. Oliveira MT, Samico I, Ishigami ABM, Nascimento RMM. Violência intrafamiliar: a experiência dos profissionais de saúde nas Unidades de Saúde da Família de São Joaquim do Monte, Pernambuco. Rev Bras Epidemiol. 2012; 15(1):166-78.
6. Oliveira AFLO, Schraiber LB, Hanada H, Durand J. Atenção integral à saúde de mulheres em situação de violência de gênero – uma alternativa para a atenção primária em saúde. Ciênc Saúde Coletiva. 2009; 14(4):1037-50.
7. Gomes NP, Erdmann AL. Violência conjugal na perspectiva de profissionais da “Estratégia Saúde da Família”: problema de saúde pública e a necessidade do cuidado à mulher. Rev Latino-Am Enfermagem. 2014; 22(1)1-9.
8. Carvalho DW, Freire MT, Vilar G. Mídia e violência: um olhar sobre o Brasil. Rev Panam Salud Publica. 2012; 31(5):435-8.

9. Njaine K, Careli J, Vivarta V. Violência na mídia: excessos e avanços. Brasília: UNICEF; 2006.
10. Sólito MB. A violência social e o tom da mídia. *Antares*. 2012; 4(7):219-32.
11. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Atlas do censo demográfico 2010. Rio de Janeiro: IBGE; 2013.
12. Carneiro AA, Fraga CK. A Lei Maria da Penha e a proteção legal à mulher vítima em São Borja no Rio Grande do Sul: da violência denunciada à violência silenciada. *Serv Soc Soc*. 2012; (110):369-97.
13. Caregnato RCA, Mutti R. Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. *Texto Contexto Enferm*. 2006; 15(4):679-84.
14. Maingueneau D. Análise de textos de comunicação. Souza MCP, Rocha D, tradutores. 6. ed. São Paulo: Cortez; 2013.
15. Cardoso, SHB. A questão da referência: das teorias clássicas à dispersão de discursos. Campinas: Autores Associados; 2003.
16. Brasil. Secretaria Nacional de Enfrentamento à Violência contra as Mulheres. Secretaria de Políticas para as Mulheres. Balanço 2014 ligue 180 Central de atendimento à mulher. Brasília; 2015.
17. Silva EB, Padoin SMM, Vianna LAC. Mulher em situação de violência: limites da assistência. *Ciênc Saúde Coletiva*. 2015; 20(1):249-58.
18. Silveira FL. A cultura do medo e sua contribuição para a proliferação da criminalidade [internet]. In: 2º Congresso Internacional de Direito e Contemporaneidade: mídias e direitos da sociedade em rede 2013. Anais. Santa Maria: UFSM; 2013 [acesso em 15 nov 2014]. Disponível em: URL: <<http://coral.ufsm.br/congressodireito/anais/2013/3-1.pdf>>.
19. Santiago RA, Coelhoii, MTAD. A violência contra a mulher: antecedentes históricos [internet]. UNIFACS. 2007; 11(1). [acesso em 28 nov 2014]. Disponível em: URL: <<http://www.revistas.unifacs.br/index.php/sepa/article/view/313/261>>.
20. Engel MG. Paixão e morte na virada do século [internet]. Observatório da imprensa 2005; 328. [acesso em 10 jan 2015]. Disponível em: URL: <<http://observatoriodaimprensa.com.br/marcha-do-tempo/paixao-e-morte-na-virada-do-seculo/>>.
21. Bezerra MR. Vitimologia: o caráter absoluto dos direitos humanos e o tratamento uniforme das vítimas [internet]. *Revista Jurídica Justa Pena* 2012; 1(1)75-81. [acesso em 25 jan 2015]. Disponível em: URL: <<http://www.faesfpi.com.br/justapena/pdf/art13.pdf>>.
22. Brasil. Constituição. Constituição da República Federativa do Brasil 2006 [internet]. [acesso em 02 fev 2015]. Disponível em: URL: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm)>.
23. Mendonça ET, Souza LV. A violência doméstica contra a mulher como questão de saúde pública. *Rev Enferm UFPE*. 2010; 4(2):874-81.
24. Maldonado, DPA, Wiliams, LCA. O comportamento agressivo de crianças do sexo masculino na escola e sua relação com a violência doméstica. *Psicol Estud*. 2005; 10(03):353-62.
25. Ramos PPOC. Dos direitos humanos da vítima de violência e a responsabilidade do Estado. *Revista da EMERJ*. 2010; 13(51)148-77.
26. Franzoni S, Ribeiro DB, Lisboa SSM. A verdade no jornalismo: relações entre prática e discurso. *Verso e Reverso*. 2011; 25(58):45-52.
27. Franciscato CE. A fabricação do presente: como o jornalismo reformulou a experiência do tempo nas sociedades ocidentais. São Cristóvão: Editora UFS; 2005
28. Silva G. Para pensar critérios de noticiabilidade. *Estudos em Jornalismo e Mídia*. 2005; 2(1): 95-107.
29. Organização Mundial de Saúde (OMS). ONU alerta para violência justificada pelo estilo de roupa feminina [internet]. Rádio ONU 2013. [Acesso em 01 jan 2015]. Disponível em: URL: <<http://www.unmultimedia.org/radio/portuguese/2013/11/onu-alerta-para-violencia-justificada-pelo-estilo-de-roupa-feminina/>>.

30. Teixeira DV. Desigualdade de gênero: sobre garantias e responsabilidades sociais de homens e mulheres. Revista direito GV. 2010; 6 (1): 253-274.

31. Vieira EM, Perdoná GSC, Santos MA. Fatores associados a violência física por parceiro íntimo em usuárias de serviço de saúde. Rev Saúde Pública. 2011;45(4):730-7.

32. Junior PCA, Moraes CL. The domestic violence against the elderly within the Family Health Program of Niterói (RJ, Brazil). Ciênc Saude Coletiva. 2010;15:2983-95.

*Correspondência para/Reprint request to:*

**Taiana Aparecida Duarte Grein**

*Rua Arlindo Lopes da Silva, 488N,*

*Centro, Tangará da Serra/MT, Brasil*

*CEP: 78300-000*

*Tel.: (65) 3326-6026 / (65) 9950-9805*

*Email: taiana\_grein@hotmail.com*

Data de submissão: 06/10/2015

Data de aceite: 16/05/2016